

280

José Antonio Rodrigues

O
CASAMENTO

DO

PADRE PONTES

NARRATIVA HISTORICA



S. JOÃO D'EL REI

Typographia da GAZETA MINEIRA

1885

9.0(81)R696-7
96c

280

O CASAMENTO

DO **Biblioteca de São João del-Rei**

PADRE PONTES

NARRATIVA HISTORICA

PELO

Capm. José Antonio Rodrigues

CAVALLEIRO DA IMPERIAL ORDEM DA ROSA,
PROMOTOR PUBLICO DA COMARCA DO RIO DAS MORTES,
INSPECTOR MUNICIPAL DA INSTRUCCÃO PUBLICA
NA CIDADE DE S. JOÃO D'EL-REI, ETC.



S. JOÃO D'EL-REI

Typ. da Gazeta Mineira

1885

Dedicatória

Rvm Sr. vigario José Maria Xavier,

Somos coévos; temos ouvido contar a historia do casamento do padre Potes, mas nunca com os episodios e peripecias que se deram antes e depois de tal comedia, com elle proprio o denominou.

Rabisquei algumas linhas a respeito, e tomei a liberdade de offerecer-lh'as, pela amizade e parentesco espiritual que nos ligam.

Vão, pois, á imprensa sem os enfeites das obras litterarias.

Releve-me a ousadia de tal offerecimento a V. Rvm., sacerdote sisudo e circumspecto, que sabe dar descontos aos desvarios da humanidade.

Ampare V. Rvm. o meu fraco trabalho com o seu venerando nome.

José Antonio Rodrigues.

S. João d'El-Rei, 1885.



Proemio

Um facto notavel e raro deu se em S. João d'El-Rei, no seculo passado, que, conservado apenas na tradição, vai se obliterando da memoria da geração presente : é o astucioso *casamento do padre Pontes*.

Na minha infancia costumava a ouvir historias contadas por minha tia I. de Lima, mulher idosa, porém de uma reminiscencia prodigiosa.

Uma noute, pedindo-lhe para narrar algum conto, respondeu-me que seu repertorio estava esgotado, mas que para satisfazer-me, ia contar-me um facto horroroso, disia ella, que se havia dado nesta cidade, então villa, accrescentando não gostar de lembrar-se delle por lhe parecer um peccado e um escandalo.

Contou-me, então, a historia seguinte e que eu tenho tambem conservado em memoria, não tendo sequer um apontamento. Hoje, instado



tanto progresso nas letras, é apenas o tosco historico do facto, revestido de algumas pallidas côres, para não produzir tedio ao leitor.

Vai, pois, o que a minha fraca intelligencia deu, sem os atavios que prendem e encantam a imaginação.

Ao leitor benevolo peço desculpa, e aos mestres de obras feitas, apuradores de primoroso estylo, peço, como já o fiz em outra occasião, que em vez de gastarem seu precioso tempo em esmerilhar imperfeições, já por mim reconhecidas, produzam obras suas, as quaes, isentas de erros, procurarei imitar.

Uso dos nomes proprios dos protogonistas da historia, como do padre Sebastião Freiria, que aqui tem parentes proximos, por entender que não lhes irrogo injuria alguma.

Indice

	PAGS
Dedicatoria	I
Proemio.	III
Os protogonistas	9
Desvarios	15
O primeiro passo	20
O Breve	24
Emfim.	27
O revez	30
A fuga	43
O assalto	50
O medico	67
Os cumplices.	74
A penitencia	80
Rehabilitação	89
Um conhecido	92
Epilogo	102



O CASAMENTO

DO

PADRE PONTES

Para erguer o nosso edificio
Dá o tempo os materiaes,
Os dias d'hontem e d'hoje
São as pedras fundamentaes.

(LONGFELLOW.)



Os protogonistas

No fim do seculo XVIII, habitava em uma modesta casa, na rua de S. Roque da antiga villa de S. João d'El-Rei, comarca do Rio das Mortes, capitania de Minas, a viuva Dorothéa Perpetua, septuagenaria, tendo em sua companhia Agrippina, sua netta, que em tenra idade havia perdido seus pais.

Dorothéa era de estatura alta, delgada de corpo, côr morena, já algum tanto denegrida pelos annos e rude trabalho; nariz afilado e aquilino, labios encovados pela ausencia dos dentes, razão porque a mandibula inferior quasi encontrava a ponta do nariz. Era, pois, uma se-

melhança da dama Leonarda descripta pelo autor do Gil Braz.

Em compensação á sua fealdade, era espirotuosa, alegre e bem conversada, ainda que cheia de superstições, envolvendo a religião com bruçarias e almas do outro mundo.

Agrippina, sua neta, formava com ella uma anthese em tudo e por tudo, não só pela educação, como pelo seu genio e belleza.

Contava já 16 annos.

Era de corpo elegante, tez clara, cabellos negros e bastos, sobranceiras arqueadas, labios côr de carmin, boca pequena e graciosa, dentes alvissimos, olhos grandes, rosto corado e assestinado.

Trajava, de ordinario, vestido de mangas curtas e decotado, deixando patentes os contornos do collo, braços e peito. Era um typo de hespanhola das mais formosas a provocar amores.. uma nympha, uma divindade mythologica por suas maneiras affaveis e attrahentes.

Dorothea, por morte dos pais de Agrippina, dedicou lhe todo seu amor : lastimava a falta de meios para dar lhe melhor educação, pois vivia dos minguados recursos do seu trabalho e da caridade christã.

Entre as pessoas que a soccorriam, sobressaía o padre M. F. Pontes, de uma caridade notavel, e que á expensas suas hávia feito o funeral do pai de Agrippina, que na longa enfermidade de sua mulher gastara seus poucos recursos, deixando em dupla orphandade aquella unica filha, apenas com oito annos de idade.

Quaesquer que fossem os defeitos do padre Pontes como homem, eram elles attenuados, obumbrados mesmo, pela maior das virtudes - a caridade — que elle exercitava em geral, dando amparo ao indigente e ao desvalido, sem fazer a minima ostentação.

Era jovial, de grande vivacidade, intelligente, espirito cultivado nas sciencias, tanto que, em falta de medicos, e então apenas alguns cirurgiões do Proto medicato existiam na capitania, elle, com o maior tino e intelligencia, exercia a medicina na villa e circumvisinhanças, pelo que era denominado — o *padre-doutor*.

Pode-se, pois, aquilatar o quanto era elle util e estimado.

Tomou sobre si a educação de Agrippina, não só auxiliando a sua avó nas despezas de alimentação de ambas, como ensinando elle proprio áquella orphã, que em breve tempo obteve soffrivel educação.

O padre Pontes a chamava—seu anjo. Quando ia á casa de Dorothéa, affagava a menina com mimos, a collocava sobre os joelhos beijando-a com a ternura de um pai amoroso.

A' proporção que Agrippina crescia, corava com taes carícias, que com o correr do tempo foram-se tornando mais respeitosas.

Dorothéa já vigiava sua neta, que por si era de recato, sem malícia; esta, quando recebia seu bemfeitor na pequena sala da casa, beijava-lhe respeitosamente a mão, obsequiava-o já com uma fructa que lhe guardava, já com uma chicara de bom café, que por essa occasião começava a ser usado na villa, como bebida saborosissima.

O padre Pontes tinha apenas 32 annos de idade. A natureza foi-lhe incendendo na alma paixão por Agrippina, tornando certa a estrophe camponeza :

« De uma simples amisade,
Muitas vezes sem querer,
Vai crescendo a sympathia
Que de amor nos faz morrer. »

Um dia disse o padre a Dorothéa :

— Estou disposto a casar-me com Agrippina.

— O que diz, Sr. padre?! Cruz! Credol Santo nome de Deus!

— Mas o que tem isso? não lhe posso servir de amparo quando a senhora venha a faltar? Não lhe mereço a mão?

— Merece muito, e até mesmo a de uma princeza, mas *vamecé* é um sacerdote, ministro de Christo e, como tal, não póde casar-se.

— Posso, obtendo licença para isso.

— De quem?

— Do Papa.

— Se assim fôr, não haverá a menor duvida pela minha parte; mas sempre ouvi dizer que não é permittido o casamento dos padres, e nunca vi, a tal respeito, um só caso durante a minha vida.

— Posso asseverar á Sra. Dorothea que os antigos sacerdotes casavam se; recebiam ordens sacras os casados, e os que já as tinham tambem podiam casar-se. Conveniencias da egreja obstaram esses enlaces; porém elles se têm dado, e até com maior escandalo, pela apostasia dos nubentes á sua religião. Para evitar isto, as luzes do seculo têm condemnado o celibato forçado dos sacerdotes, como contrario á natureza.

— Só vendo um exemplo... pois tenho medo até de conversar nisso, podendo ser uma offensa a Deus. Elle que me perdôe !...

— Pois está muito perto de ver esse exemplo, e Deus nos ha de perdôar por sua infinita misericórdia. Mil vezes um padre casar-se á face dos altares, do que dar nascimento, por sua fraqueza, á uma prole bastarda...



Desvarios

Passados alguns mezes, o padre Pontes, conservando no espirito a idéa fixa do casamento projectado, embuido na leitura dos philosophos modernos, cujas obras atulhavam a sua estante, achava-se como louco.

Já não frequentava tão a miúdo a casa de Dorothea, não deixando, todavia, de soccorrel-a, sem duvida com o fim de fugir das occasiões proximas, e desviar o pensamento do seu intento; moço porém, no vigor da idade, a sua imaginação era ardente e não podia comprehender a razão confessavel de ser o sacerdote condemnado ao celibato.

Abrio a historia ecclesiastica de Decreux e vio que até o concilio Lateranense, a que assistiram 302 bispos de todos os paizes catholicos, com um abbade por parte dos gregos, era prohibido aos que tinham ordens sacras o casarse; porém, *quando o faziam, não os separavam de suas mulheres*, e sómente eram apartados do clero e penitenciados. Isto deu-lhe que pensar.

— Que importa ser apartado do clero, ser degradado, dizia o padre Pontes, se ficarei possuindo Agrippina? Ella me acompanhará ao degredo.

E, na verdade, uma imaginação escandecida pela paixão merece desculpa.

A paixão é uma loucura indubitavelmente.

Um escriptor contemporaneo põe na boca de um padre apaixonado pelo amor estas considerações :

« A egreja, a sabia egreja, porque prohibe ella assim aos seus sacerdotes, homens vivendo entre os homens, o grande contentamento humano — o amor ?

Que orgulho de uma religião, de um systema, pretender pela sua auctoridade pairar as forças do sol, as forças da seiva, as forças do sangue !

Quem imagina que desde que um velho bispo diz : — Serás casto — á um homem novo, forte, vivo, sensível, vão seus nervos immobilisar-se, seu sangue esfriar-se ? Que uma velha palavra latina — *accedo* — dita a tremer pelo seminarista assustado, será bastante para conter a rebellião formidavel e incessante do corpo ?

Um velho concilio de bispos decrepitos, vin-

dos do fundo de seus claustros, da paz das suas escolas, tremulos, mirrados como pergaminhos... o que sabiam elles da Natureza e das suas excitações ?

E que importa á natureza tudo, isso ? Ella continúa sublime forçando o homem ao amor, quer seja elle padre, quer seja escravo.

Não sabiam os Santos Padres, elles, que mais que ninguem estudaram a Carne e os seus mysterios, não sabiam que tudo se illude e se evita, menos o amor ?

E se elle é fatal, porque impedir então que o padre o sinta, o realise com pureza, com dignidade, com respeito ?!...

A Biblia está cheia de nupcias ! Quantos quadros de epicos noivados !... »

Nas confissões de Santo Agostinho aprende-se a conhecêr o homem qual elle é, como diz Chateaubriand.

O santo não se confessa á terra, porém ao cêo, nada esconde áquelle que tudo sabe. E' um christão genuflexo no tribunal da penitencia, deplorando suas culpas e patenteando-as, para que o medico lhe applique o cauterio á chaga.

Não teme afadigar-se com miudesas Aquelle de quem se disse estas sublimes palavras :

« E' paciente porque è eterno. »

E que retrato nos dá Santo Agostinho do Deus a quem confia seus peccados ?

« Sois infinitamente grande, infinitamente misericordioso, infinitamente justo : a vossa belleza è incomparavel, a vossa força irresistivel, a vossa pujança illimitada. Sempre activo, sempre quieto, sustentaes, encheis, conservaes o universo : amais desapaixonadamente, sois ciumento sem turvação : mudaes as vossas aspirações e jamais os vossos planos... Mas que digo eu a vós, meu Deus ? () que póde ahi dizer-se de vós ? »

O mesmo homem que traçou esta brilhante imagem do verdadeiro Deus, vai agora fallar-nos dos desvíos da sua mocidade com mui adoravel lhaneza :

« Fui emfim a Carthago. Mal cheguei vi-me cercado de uma chusma de amores culposos, que se me apresentavam por toda parte... A quietação parecia-me insoffrivel, e eu atirava-me ás veredas precipitosas e traiçoeiras.

« Mas a minha ventura estava em amar e ser amado, porque ha ahi o querer achar a vida no visco onde eu anciava cahir : fui amado e possui o que amava. Mas, oh ! meu Deus, vós me fi-

zestes então conhecer a vossa bondade e misericórdia, enchendo-me de amargura : porque em vez das doçuras que eu havia phantasiado, só encontrei ciumes, suspeitas, coleras, desavenças e arrebatamentos. »

Ora, Santo Agostinho não foi, apesar de tocado pela Providencia, isento das paixões amorosas e dos desvarios da mocidade; e, pois, não era muito que o padre Pontes, como homem commettesse algum excesso, dominado pela ardente paixão.

O primeiro passo

Depois de uma ausencia forçada pelas circumstancias, voltou o padre Pontes á casa de Dorotheá, que o recebeu com todas as demonstrações de jubilo e affabilidade, bem como Agrippina. Esta exprobrou-lhe a ausencia por mais de uma semana, dizendo que suppunha haver elle recebido na casa alguma offensa, mas que, se esta houvesse, seria sempre involuntaria e digna de perdão.

Desculpou-se o padre com o serviço do seu ministerio, e com um chamado, como medico, para fóra da villa. Accrescentou que havia expedido um positivo para o Rio de Janeiro, com certos papeis destinados a Roma. Quanto á offensa, não a tinha, por menor que fosse.

Dorotheá, ouvindo fallar em papeis para Roma, ficou possuida de curiosidade, querendo saber para que fim eram; não se animou, porém, a pronunciar uma palavra, movendo apenas os fundos labios como que recitando uma oração mental.

Venceu, afinal, a curiosidade de mulher velha, e, com o coração batendo, fez ao padre a seguinte pergunta :

— Sobre que versam os papeis para Roma ? Quando se falla em Roma, sinto muita sensação, lembrando-me que lá está o Santissimo Padre que representa S. Pedro, chefe da igreja.

— Impetram á Sua Santidade um Breve de dispensa para casamento de um sacerdote.

— Temos então outro ? ! Santo Deus ! O mundo está virado ! Quando, em meus dias, pensei ver um padre casar-se ? !

— Não tardará muito que o veja, ou, então, pouco terá de viver, pois não está longe esse dia.

Chegada a noute, o padre retirou-se.

Dorothea, ao recolher-se para seu quarto, disse a Agrippina :

— O padre maliciosamente occultou-nos alguma cousa. Não me sahe da cabeça que o pedido para Roma lhe diz respeito. Já, no domingo de Paschoa, depois da procissão, quando aqui veio, aproveitando-se de tua ausencia, communicou-me que desejava receber-te por esposa. Objectei-lhe que era impossivel, por ser elle clerigo de ordens sacras, respondeu-me,

então, não haver nisto obstaculo, dependendo apenas de uma dispensa do papa.

— Obterá elle tal dispensa, minha avó?

— Diz elle que sim, e que antigamente todos os padres eram casados, a excepção dos que voluntariamente preferiam o celibato.

Agrippina ficou pensativa. Passou-lhe pelo espirito um raio de esperança.

— Será possível? dizia consigo.

— Recollida á solidão da alcova, Agrippina sentia palpitar-lhe fortemente o coração.

Sua avó dormia tranquilla e socegada, ella, porém, não podia conciliar o somno, revolvendo-se no leito, entregue ás primeiras scismas do coração que desperta. Parecia-lhe o travesseiro um objecto ardente, ia-lhe no cerebro um labyrintho de idéas, ora de lisongeiras esperanças, ora de tristes desalentos.

Despertando ao romper d'alva, disse Dorothea :

— Dormi muito, Agrippina. A visita do nosso bemfeitor tranquillizou-me o espirito. Receiava que estivesse arrufado ou talvez mal comosco. Não faltam intrigantes e invejosos que se aprezem em forjar malquerenças.

— Pois eu, minha avó, não dormi uma *ave-Maria*.